



LIBERDA

ANO 14
No. 124
MAI-JUN/2004

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
farj@riseup.net Cx. Postal 14.576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1(pátio) - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 16h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel - 9397-1941

Lombroso e os “Anarquistas”

O século XIX foi berço de inúmeras teorias - umas mais consistentes outras nem tanto - sobre a origem do homem, do planeta e mesmo a fundamentação, utilizando-se como contraponto as áreas colonizadas e “exóticas do mundo”, das “leis sociológicas”. Todos estes movimentos, até mesmo os mais bizarros, buscavam a chancela da ciência para a legitimação de seus intelectuais proponentes, sequiosos por um nicho acadêmico ou mesmo visibilidade na esfera social burguesa. Nesse contexto, em uma circunstância onde as cátedras acadêmicas não tinham ainda encontrado seu justo espaço, médicos, advogados, engenheiros e os mais diversos pensadores tentaram sintetizar, em um campo comum, as idéias racistas, imperialistas e “científicas” de seu tempo. Com algumas exceções, a Sociologia nascia, ao menos através de seus publicistas mais conhecidos, como resultado lógico do preconceito, arrogância e desprezo das classes dominantes pelo povo em geral de dentro e fora da Europa.

Os “socialistas” não escaparam a esse fenômeno; médicos-sociólogos como o italiano Cezare Lombroso, e mesmo o argentino José Ingenieros, mesclavam observações empíricas parciais a estereótipos conservadores para explicar as atitudes e o estágio civilizatório dos povos. Lombroso chegou mesmo a montar uma complexa tabela de medição de crânios humanos para estabelecer relações entre a conformação biológica dos homens e suas atitudes. Nem os anarquistas escaparam ao olhar atento de Lombroso. A estes, o sociólogo italiano dedicou um breve ensaio com todos os ingredientes de sua estrutura de pensamento. Era a distopia da ordem capitalista: descobrir, através da conformação craniana, o futuro delinqüente, ou mesmo, fornecer à polícia elementos concretos para identificar os criminosos, antes mesmo de cometerem o delito. Foi um período de euforia no qual a Sociologia ganhava prestígio, juntamente com seus “modestos” precursores, e arrogava-se como ciência preventiva dos desvios humanos. O caminho para a sociedade sadia estava aberto. Estes sociólogos criavam a “ciência” capaz de limitar o campo de ação de “seitas heréticas” nos meios urbanos e camponeses.

A Frenologia, nome emprestado ao conjunto de idéias de Lombroso, ganhou enorme prestígio. Fez sucesso até mesmo em jornais operários de várias partes do mundo, inclusive do Brasil. A polícia brasileira fez largo uso dessas teorias, criando até mesmo, na virada dos anos 10 para 20 do século passado, um Gabinete

de Estatística que, dentre outros, contava com a base teórica de Lombroso. A possibilidade do controle de anomalias, desvios e atavismos “perniciosos à sociedade” ganhava assim, dentro da ordem burguesa, seu paroxismo na Polícia Científica. Eliminar da sociedade seu “rebotinho”, o “estorvo humano de impenitentes” dos novos tempos não podia prescindir da metodologia, nada original, de classificar, identificar e segregar. A taxonomia era aliada importante na luta contra a pluralidade e diversidade sociais.

Como diz um bordão para historiadores, atribuído a Lucien Febvre, “toda filosofia é filha de seu tempo”. Entretanto, podemos perceber no contexto atual, ainda bem que cada vez menos, de alguns grupos “anarquistas”, a Frenologia ainda faz muito sucesso. Classificar outros grupos anarquistas com variados adjetivos, na verdade neologismos nem sempre criativos, para esses “companheiros” parece ser de suma importância para a definição seu espaço de militância. Partindo da negação, só assim logram alguma firmeza, definem lombrosianamente a gênese do desvio no interior do movimento. Como sociólogos oitocentistas, buscam nos gestos, forma de expressão oral e atividades militantes dos seus “inimigos burgueses infiltrados no anarquismo” o atestado para a confirmação de seus complexos e caricatos manuais de “boa conduta” libertária. Manuais (Manifestos) publicados em espaços que eles próprios sempre desqualificaram e que, obviamente por oportunismo, valem-se nas horas de maior necessidade.

Se o espírito de Lombroso passasse rapidamente por estes que vos escrevem, poderíamos até arriscar o palpite de que estes “anarquistas” assim agem por atavismo de formação. Há a Sociologia... que grande graduação ainda propicia... Mas, por rechaçarmos tal mecanicismo de pensamento, vemos com certa melancolia a atitude destes que, desprendendo enorme energia, colaboram para semear a cisão entre os libertários. Lamentamos tantas horas de leitura desperdiçadas em conclusões que já merecem a reprovação quase unânime dos anarquistas de todo o Brasil. Tanto “talento” imolado na pira da vaidade, muitas vezes travestida por uma capa de humildade.

As farsas são desmascaradas pela vida. Elas acabam por cair como frutas apodrecidas de uma velha árvore, nesse caso, a da intolerância. Elas caem, como sabiamente observou Lima Barreto, pelo ridículo... ou pela troça, troça e troça....

“Em todo homem há algo que eu posso aprender com ele; e nisso, sou seu discípulo”

Emerson

Projeto Libertário Flores Magon

Quem somos e com quem trabalhamos

O projeto nasceu em Milão (Itália), em 1999, como uma proposta do movimento libertário milanês por uma intervenção solidária e internacionalista em Chiapas (México), encontrando desde o início a adesão de numerosos companheiros de toda Itália. Desde então, nosso grupo opera de maneira desinteressada e sem qualquer ajuda estatal junto e desde o interior das comunidades zapatistas, participando com paixão num intento de transformação social levado a cabo de modo autogestionário e igualitário, tal e como foi iniciado nestes anos de luta em Chiapas, compartilhando as aspirações por uma vida digna baseada nos princípios de democracia direta e assembleísmo. A União Sindical Italiana - Saúde (USI-S), sindicato de tradição anarquista e portador de valores de liberdade, igualdade e justiça social na luta sindical cotidiana, promove e participa no Projeto Libertário Flores Magón com o objetivo de contribuir ao Plano de Saúde concebido de maneira autogestionária pela Organização de Saúde Comunitária de Indígenas Maias do Estado de Chiapas (OSIMECH). Em Chiapas, aliás, as pessoas morrem das mais elementares doenças como, por exemplo, bronquite, malária e parasitoses. As condições sanitárias são dramáticas, considerando somente que nas comunidades há uma falta quase total de latrinas, rede de esgoto e água potável. A desnutrição mata os mais fracos e a taxa de mortalidade infantil é altíssima. Além do mais, as mulheres, normalmente desnutridas, consumidas pelas numerosas gravidezes e por uma lactação que se prolonga mais que o habitual, morrem com frequência após dar à luz. A OSIMECH, para fazer frente às graves condições higiênicas-sanitárias pela qual atravessa toda a província de Chiapas, e convencida de que o direito à saúde não tem por que passar pelo filtro governamental, concebeu pela primeira vez na história destes povos um plano de saúde, que é articulado em círculos concêntricos de maneira simples e funcional. A central sanitária está constituída pela clínica autogestionada La Guadalupana, de Oventic, onde operam alguns médicos e os promotores de saúde mais especializados, figuras sanitárias locais que unem as curas tradicionais, transmitidas por curandeiros, parteiras e hueseros, à experiência adquirida no ambiente hospitalar. Ao redor desta primeira central sanitária foram construídas outras microclínicas, onde trabalham os promotores de saúde menos especializados. Finalmente, ao redor destas microclínicas, estão sendo construídos ambulatorios rurais (casas de saúde) que tentam encerrar de maneira capilar às necessidades sanitárias locais, através de uma relação e organização funcional e não hierárquica entre o centro e a periferia.

O que temos feito e o que estamos fazendo

Fevereiro/2001: Foi inaugurada a microclínica Nova Esperança de Nova Liberdade, cuja execução foi possível graças à ajuda do Projeto Libertário Flores Magon, que ainda hoje, continua comprometido com a sua organização funcional, fornecendo remédios e materiais sanitários.

**Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 4,00).**

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

Abril 2001: Dá início a colaboração direta da USI-Saúde com a clínica Oventic e com o OSIMECH, com um constante envio de pessoal médico e enfermeiros voluntários da Itália, materiais sanitários e contribuições econômicas.

Junho 2001: O Projeto Libertário Flores Magón promoveu a criação de cultivos coletivos em duas comunidades da municipalidade autônoma de São Miguel, na região de Ocosingo (comunidades Emiliano Zapata e Miguel Gómez), onde foi levado a cabo um projeto integrado higiênico-sanitário e agrário-alimentar, organizando cultivos coletivos capazes de fornecer apoio vitamínico e uma maior diversidade alimentícia, melhorando assim as condições higiênicas e de saúde da totalidade da comunidade.

Setembro 2001: Foi completada a construção de uma casa de saúde na comunidade Miguel Gómez. Janeiro 2002: Foi iniciada a construção de uma planta de tratamento de água e de distribuição na comunidade Miguel Gómez.



Setembro 2002: A partir desta data, a USI-Saúde tem enviado, mensalmente, um ou dois companheiros, médicos ou enfermeiros, provenientes de diferentes hospitais milaneses e/ou de associações de voluntariado, como o NAGA, dando apoio ao pessoal sanitário indígena, numa relação de mútua formação.

Março 2003: O Projeto Libertário Flores Magón recebe um aparelho de ultra-sonografia do Hospital São Carlo de Milão, que é destinado à clínica La Guadalupana.

Abril 2003: Médicos provenientes do Hospital São Carlo de Milão organizam um curso teórico-prático sobre o uso do aparelho de ultra-sonografia para o pessoal da clínica de Oventic, com a colaboração da organização humanitária inglesa Marie Stopes, que se ocupa da saúde reprodutiva em várias partes do mundo e trabalha também em São Cristóbal. Nesses meses prosseguiram as atividades do projeto, cada vez mais comprometido em: Obter fundos, cujo destino sempre está documentado; enviar remédios, maquinário e material sanitário a Chiapas; enviar médicos e enfermeiros destinado à clínica La Guadalupana. Para este fim, foram organizados cursos de formação, de caráter teórico-prático, dirigidos aos promotores de saúde. Nestes cursos, a equipe estrangeira, com a ajuda de tradutores, transmitiu suas experiências ao pessoal local, principalmente no que se refere à saúde reprodutiva, às doenças do aparelho reprodutivo e do aparelho digestivo, bem como atendimentos de urgência. Como se pode ver, isto é um projeto que não tem nada a ver com assistencialismo caridoso, constituindo um intento de participação igualitária em um plano de saúde autogestionado, que visa salvaguardar à saúde e à cultura dos índios, através dos recursos humanos e materiais locais, tratando de emancipar à população local da chantagem governamental, bem como implementar uma assistência sanitária com controle político-social.

Setembro 2003: Chegou finalmente na clínica La Guadalupana o aparelho de ultrasonografia doado pelo Hospital São Carlo de Milão e um eletrobisturi doado pelo Hospital São Paulo de Milão. Particularmente, o aparelho de ultrasonografia permitirá fazer diagnósticos mais precisos e rápidos em relação à gravidez das mulheres indígenas. Lembramos que a taxa de mortalidade infantil é muito alta, com muitos casos de mortes das parturientes.

Outubro 2003: Foi organizado um projeto com uma duração mínima de um ano de assistência odontológica, e posto em andamento um laboratório odontológico levado a cabo por médicos e enfermeiros proveniente do Hospital São Paulo de Milão, que se ocupa de prestar assistência não só na central de saúde de Oventic, mas também de forma itinerante nas diferentes comunidades, buscando atenuar as consequências da monoalimentação baseada no milho, com as conseqüentes carências vitamínicas que afetam, entre outras coisas, também a dentição.

Nestes anos a atividade do Projeto Libertário Flores Magón foi dirigido tanto de Chiapas como da Itália, onde é de importância capital informar e contrainformar à opinião pública sobre o que está acontecendo naquela região. É por essa razão que nosso projeto está organizando iniciativas de solidariedade e de contrainformação em toda Itália; cursos de formação para o envio a Chiapas de pessoal de saúde e comprometido na estruturação de um aparato logístico estável e de conexão entre Itália e México. Assim, toda a atividade do Projeto é coordenada com o Plano de Saúde do OSIMECH, visando com esperança da colaboração com outras associações como, por exemplo, Marie Stopes, o grupo Tierra y Libertad e outras associações de apoio na luta das populações indígenas de Chiapas, com a única intenção de levar uma ajuda que garanta a maior autonomia das comunidades, e isto à margem de estereis sectarismos políticos e pessoais, tanto na Itália como

em Chiapas. Nestes anos, quem nos financiou foram muitos trabalhadores da USI-Saúde dos diferentes hospitais de Milão, Monza, Trieste, Savona, etc., as federações da USI de Albenga, Imperia, Carrara, Parma, Sarno, Alessandria, Ancora, Florença e outras; os centros sociais: COX 18, CSOA Garibaldi, Cascina Torciera de Milão, TNT de Nápoles, CSOA de Avellino e tantos outros. Recebemos também ajuda econômica a nível internacional, por exemplo, da CNT-AIT de Valença e dos companheiros alemães da FAU-AIT. Mas o que nos tem ajudado especialmente nestes anos, são as numerosas contribuições individuais que companheiros e companheiras quiseram dar a este projeto de solidariedade internacionalista.

Mais infos em:

Site: www.ecn.org/usi-ait

e-mail: usis@libero.it

Endereço postal: USI-Saúde - Viale Bligny, 22 – Milão - Itália

A Federação Operária Local de Santos

Hoje em dia quem caminha apressadamente pelo centro da cidade litorânea de Santos, em São Paulo, e passa pela Rua Amador Bueno, nem imagina que aquele grande sobrado de número 25, que outrora foi sede da *Federação Operária Local de Santos* (F.O.L.S.), possui um valor inestimável para a história dos trabalhadores da Baixada Santista.

Isso acontece, principalmente porque a educação oficial concedida pelo Estado não ensina para seus alunos a história da nossa própria região, principalmente no que diz respeito à origem das primeiras organizações de resistência dos trabalhadores santistas e a enorme luta que foi necessária travar para conquistar direitos humanos e trabalhistas básicos. Uma história com episódios escritos à base de muito sangue e sofrimento, diga-se de passagem.

Seria muita ingenuidade de nossa parte acreditar que todas essas imensas lacunas que existem no sistema educacional, sobretudo no caso do ensino público, acontecem simplesmente por acaso. Toda essa falta de referência histórica faz parte de um elaborado processo educacional, planejado intencionalmente com o objetivo de produzir seres humanos profundamente alienados e bestificados, sem qualquer capacidade crítica ou de raciocínio. Afinal de contas, aos nossos governantes e políticos de plantão, não interessam que futuros trabalhadores que servirão como burros de carga, tenham o menor sinal de inteligência.

Conhecer a trajetória de resistência dos trabalhadores da Baixada Santista e do Brasil significa aprender uma história que nos é negada cotidianamente e, desta forma, compreender claramente como chegamos a essa situação de penúria que vivemos hoje em dia. Conhecer a história dos trabalhadores brasileiros significa sobretudo conhecer a nossa própria história, significa evoluir enquanto seres humanos para que assim possamos ter condições de intervir nos futuros rumos de nossa sociedade.

Para conseguirmos assimilar amplamente esses acontecimentos distantes, é preciso frisar que as condições de trabalho no início do século passado, eram as piores possíveis e refletiam um profundo desrespeito pela figura humana dos trabalhadores, que por sua vez, não possuíam horário de trabalho limitado e chegavam a trabalhar 14 horas ou mais por dia, inclusive aos sábados. Os trabalhadores não tinham descanso semanal ou férias, seguro ou assistência nos acidentes de trabalho (para o governo, os trabalhadores acidentados no serviço tinham somente uma alternativa: pedir esmolas!), aposentadoria por incapacidade física ou velhice, dia certo de pagamento, limitação mínima de salário, garantia por tempo de serviço, escolas para usufruir ou encaminhar seus filhos, higiene de nenhuma espécie nos bairros operários e nos locais de trabalho e, ainda, como se não bastasse, as crianças trabalhadoras estavam muitas vezes sujeitas a castigos corporais por parte dos próprios patrões ou de seus seqüezes. É dentro dessa realidade social, que em 19 de julho de 1907⁽¹⁾, militantes anarquistas da primeira geração do sindicalismo santista, como Eládio Cezar Antunha, Luis La Scala, Serafim Soler, Severino Antunha Alher, João Antonio de Faria, Thiago Marques, Albano de Oliveira, Antônio Moral, Manoel Fernandes, e tantos outros, resolveram fundar a F.O.L.S., com o intuito de organizar os trabalhadores da região, para que juntos pudessem se defender contra todas formas de injustiças e assim rumar em direção de sua completa emancipação social.



Inicialmente o número de sócios era superior a 400 trabalhadores e, no decorrer de sua existência, a *Federação* conseguiu filiar as seguintes organizações operárias: Sindicato dos Carroceiros e Chauffeurs, Sindicato dos Pedreiros e Serventes, Sindicatos dos Pintores, Sindicato dos Carpinteiros e Artes Correlativas, Sindicato dos Metalúrgicos, Sindicato dos Operários em Pedra e Granito, Sindicato dos Trabalhadores das Docas, Sindicato dos Padeiros, Sindicato dos Estivadores, Sindicato dos Ferreiros e Serralheiros, Sindicatos dos Empregados das Estradas de Ferro, Sindicato dos Canteiros e Classes Anexas, Sindicato dos Trabalhadores do Moinho Santista, Sindicato dos Ternos de Ensaque de Café e Sindicato dos Ternos de Embarque de Café. Boa parte destes Sindicatos funcionavam na própria sede da *Federação*.

Um relatório escrito por Agostinho Prado, então secretário geral da F.O.L.S.⁽²⁾, registra que em 17 de junho de 1909, durante uma assembleia da classe dos Padeiros, a sede da *Federação* foi arbitrariamente assaltada pela polícia santista que carregou todos os seus móveis para o depósito municipal, destruiu a sua biblioteca e prendeu na ocasião 165 trabalhadores que tinham cometido o “terrível crime” de desejar uma vida melhor com condições mais justas de trabalho!

Não obstante as dificuldades, os valorosos e combatentes trabalhadores santistas não desanimaram! Começaram a reorganizar a *Federação* a partir do zero, até que no ano seguinte conseguiram finalmente reabrir sua sede.

Quem nos conta como funcionava a F.O.L.S. é Severino Gonçalves Antunha, um antigo frequentador dos meios operários que, em junho de 1968, escreveu um valioso texto⁽³⁾, em forma de memórias, do qual destacamos: “O período áureo foi o da *Federação Operária*. Havia a *Escola Noturna*, onde se aprendia um pouco de tudo: alfabetização, desenho, teatro, sociologia e política. Numa mesma vontade de saber sem precedentes na cidade.

Havia um salão de leitura com jornais como “*A Lanterna*”, “*Revista Blanca*” e muitos outros de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Barcelona e etc... Obras como “*El Hombre y La Tierra*” de Reclus (editada pela *Escola Moderna de Ferrer*), “*A Grande Revolução*” de Kropotkin e obras de Tolstói, Bakunin, Máximo Gorki, Sebastião Faure e outros escritores revolucionários, assim como obras sobre conhecimentos gerais, didáticas de todos os matizes e literatura em geral.

Era belo, grandioso mesmo, ver homens de mãos calejadas, segurando desajeitadamente o lápis ou o tira-linhas. Muitos já maduros, com cabelos grisalhos. Outros mais moços, com poses oratórias, viviam discutindo, discursando e ensinando o que sabiam. Publicaram-se alguns jornais de vida efêmera.

Havia o projeto *Casa do Povo*, com função de ser uma verdadeira casa de cultura, com salas de aula, auditórios, etc... Detalhe interessante: não havia contribuição fixa, tudo era feito de acordo com as possibilidades de cada um e havia preocupação de não sacrificar ninguém. Não havia presidente ou chefes ostensivos, apenas companheiros que se revezavam nas tarefas mais variadas.

Alguma coisa se fez, mas muito mais se teria feito, se os governantes, cômicos de que a questão social era uma questão de polícia, não dessem carta branca a essa mesma polícia, para sufocar brutalmente tão

promissor movimento.

Mas a reação estava atenta, nada deixando frutificar, para chegarmos a isso que hoje vemos...”

Segundo documentos da época, a *Federação Operária Local de Santos*, no apogeu de sua movimentação, chegou a possuir o extraordinário número de 22.500 trabalhadores filiados, superando o quadro da *Federação Operária do Rio de Janeiro* (F.O.R.J.) e, até mesmo, da *Federação Operária de São Paulo* (F.O.S.P.), tornando-se assim, a organização operária brasileira com o maior número de associados durante esse período⁽⁴⁾.

Durante a sua existência, a *Federação* serviu como sede para os trabalhadores de Santos se reunirem e se organizarem em classe, encaminhou campanhas de todo tipo na defesa de seus associados, publicou jornais sindicalistas, ajudou a alfabetizar inúmeros filhos de operários e transformou vários trabalhadores analfabetos em seres humanos extremamente cultos.

Porém, as autoridades de Santos estavam preparadas para sufocar qualquer iniciativa *libertária* dos sindicalistas!

Tanto que, no dia 16 de abril de 1914, após farta distribuição de boletins que convidavam os Carroceiros e Chauffeurs a se reunirem na sede da *Federação Operária*, para tratarem de assuntos de interesse de classe, foi organizada uma assembléia de trabalhadores.

A polícia de posse de um desses boletins e por ordem do então delegado policial, Bias Bueno, se armou para invadir a sede da *Federação* onde estava acontecendo a citada assembléia.

Nesse momento, dentro da sede operária, quem ocupava a tribuna era o combativo militante anarquista Antonio Vieytes, que segundo o relato policial⁽⁵⁾ era “inteligente, possuidor de uma certa eloquência” e que “empregava todos os seus argumentos no sentido de convencer aos seus ouvintes, que eram em grande número e de que as classes proletárias precisavam levantar-se para defender os seus direitos”.

A crise pavorosa que atravessava o país, dizia o orador, atingia de preferência as classes trabalhadoras, as quais as autoridades da República não se dignavam prestar apoio algum. Quando a burguesia se via a braços com a crise, o governo corria logo a acudi-la, ao passo que abandonava o proletário, deixando-o em situação angustiosa...

Foi exatamente nesse momento do discurso que a polícia invadiu o local da assembléia. O reboliço foi geral, porém, Antonio Vieytes e os trabalhadores mais decididos não perderam a calma. Quando os policiais perguntaram por qual razão Antonio Vieytes se encontrava novamente em terras Santistas, promovendo greves, após já ter sido deportado do

Brasil, Vieytes respondeu firmemente que viera ao Brasil cumprir o seu dever de defensor incondicional dos operários escravizados pelo capital e que ocupava a tribuna no gozo de um direito.

A polícia santista prendeu os militantes anarquistas Antonio Vieytes e Manuel Gonzalez, além de outros trabalhadores que não tiveram seus nomes registrados na imprensa. A brutalidade da polícia foi como de costume, o patrimônio dos trabalhadores foi novamente roubado e a sede da *Federação* foi fechada, desta vez, definitivamente.

Antonio Vieytes e Manuel Gonzalez foram enviados para São Paulo e, posteriormente, expulsos do território brasileiro. A polícia local, a mando do delegado Bias Bueno e das autoridades governamentais, reforçou a violenta campanha contra os trabalhadores de Santos que estava sendo empregada na época.

No dia 18 de abril de 1914, o jornal “*A Tribuna*” de Santos, estampava na primeira página com enorme satisfação a notícia da invasão policial, do fechamento da *Federação* e da prisão dos dois trabalhadores, “agitadores anarquistas”, como faziam questão de dizer.

Toda essa repressão não foi capaz de impedir que os trabalhadores de orientação anarquista fundassem em Santos novos sindicatos, Ligas Anticlericais, Centro de Estudos Sociais e outras organizações operárias.

Marcolino Jeremias (Santos/SP)

- (1) - Segundo informe escrito anonimamente em 22 de julho de 1907, em Santos e publicado no jornal “*A Terra Livre*”, São Paulo, em 04 de agosto de 1907, página 3.
- (2) - Publicado no jornal “*A Voz do Trabalhador*”, Rio de Janeiro, em 1 de abril de 1914, pag. 3.
- (3) - Publicado originalmente no livro “*Nacionalismo e Cultura Social (1913-1922)*”, de Edgar Rodrigues, lançado pela Editora Laemmert – Rio de Janeiro, em 1972, páginas 359/362.
- (4) - “*A Noite*”, diário oficial carioca, divulgando estatísticas fornecidas pela *Federação Operária do Rio de Janeiro* (F.O.R.J.), em 19 de novembro de 1912, página 1.
- (5) - Publicado no diário santista “*A Tribuna*”, em 18 de abril de 1914, pag. 1.

.....NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS.....

Biblioteca libertária: A Biblioteca Social Fábio Luz (BSFL) está funcionando a pleno vapor; sempre aos sábados entre 9:00 e 17:00h, na Rua Torres Homem, 790, Vila Isabel. A organização do acervo está adiantada e engloba tanto livros e publicações anarquistas, como literatura, história, marxismo, filosofia, poesia, etc. Qualquer pessoa pode associar-se à BSFL, pagando a módica taxa de R\$4,00 por mês, com direito a empréstimo de livros, periódicos e fitas VHS. A taxa serve para a compra de material de papelaria e limpeza para à BSFL, bem como para a restauração e encadernação de livros em mau estado. Aceitamos doações de livros cuja temática seja afim à da BSFL, tendo em vista que o nosso espaço é exíguo. A BSFL também conta com uma pequena livraria, onde estão à venda com descontos livros das editoras Achiamé, Imaginário, entre outras. Visite, conheça, participe, apoie!

Núcleo de Pesquisas Marques da Costa: Brevemente estará efetivado o NPMC, que funcionará no âmbito da BSFL, cujos objetivos principais serão a pesquisa e o resgate da história do anarquismo no Rio de Janeiro; o apoio a outras organizações libertárias e/ou populares no que se refere a pesquisas históricas; a implementação de palestras e cursos a serem oferecidos a sindicatos, movimentos

populares, universidades, etc. A denominação do Núcleo presta homenagem ao militante anarquista e sindicalista português José Marques da Costa, um dos grandes lutadores pela organização dos sindicatos revolucionários cariocas na primeira metade dos anos 20. Era carpinteiro de ofício e também repórter, responsável entre 1922-1924 pela Secção Trabalhista do jornal A Pátria, baluarte dos libertários na luta e divulgação de suas idéias e atividades, e na defesa dos sindicatos revolucionários contra os ataques perpetrados pelo governo ditatorial de Arthur Bernardes, pelos bolchevistas do PCB e seus aliados cooperativistas (amarelos). Foi deportado para Portugal logo após o 5 de julho de 1924, sendo então enviado para o degredo na África, tendo ainda participado da Revolução Espanhola.

Radio Libertaire: A Radio Libertaire, de Paris (França), já está emitindo pela internet. Há programas em espanhol e esperanto. Confiram em: [HYPERLINK “http://propagande.org:8000/libertaire”](http://propagande.org:8000/libertaire)



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * **LETRALIVRE**. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * **COL. DOMINGOS PASSOS**. CP 100670. CEP 24001-970. NITERÓI/RJ * **CCS/SP**. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * **ANA**. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * **MLPL**. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * **APPL**. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * **NUELCA**. CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * **FCL**. CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * **JULI**. CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * **MAP/BA**. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * **FAG**. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * **CCL/SINTROV**. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * **CL**. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * **CNA**. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * **COMLUT**. CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * **GRAP**. CP 768. CEP 69010-970. MANAUS/AM * **CRAP**. CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP * **OPÚSCULO LIBERTÁRIO**. CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * **AFIM**. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * **COMLUT e CCL-FL**. CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA * **MOTIM**. CP 77. CEP 29146-970. CARIACICA/ES * **RLBS**. CP 999. CEP 11010-970. SANTOS/ES * **GASA**. CP 11. CEP 29390-970. IÚNAVES * **CCMA**. CP 665. CEP 01059-970. SÃO PAULO/SP * **BARRICADA LIBERTÁRIA**. CP 5005. CEP 13036-970. CAMPINAS/SP